

SER E FAZER NA VOCAÇÃO: UM PROJETO TERAPÊUTICO VOCACIONAL

Simone Andrioli Moura de Castro Andrade

2007 11/11/10
2007 04.
Segue o teu destino...
Rega as tuas plantas;
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
de árvores alheias.

Fernando Pessoa

RESUMO

Este artigo resulta da dissertação de mestrado⁶ e da experiência de mais de dezoito anos na clínica de uma psicóloga, atuante em consultório e em escolas, particulares e públicas, com crianças, famílias e educadores. A partir de experiências profissionais e do seu próprio processo de individuação⁷ a levou a refletir sobre a importância de incluir a vivência simbólica⁸ no processo de autoconhecimento do educador. A partir deste tema, que foi um caminho apontado como resultado da pesquisa, que a mobilizou para uma prática educacional que envolve a Totalidade do Ser e, por conseguinte, engloba as funções sentimento, intuição, pensamento e a sensação. Este artigo é um relato de sua prática com jovens em um projeto denominado terapêutico vocacional o que também considera uma trilha transformadora e um caminho de vivência integradora por meio do simbólico que ocorre a partir do processo de autoconhecimento contemplado no momento de escolha profissional do jovem. Deseja ao compartilhar este projeto, mobilizar e conscientizar educadores para que possam ao refletir, estimular e apoiar os jovens a escolher não somente uma profissão, mas que possam encontrar entrar em contato e buscar a sua vocação.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Vivência simbólica. Projeto terapêutico vocacional.

⁶Autoconhecimento e pedagogia simbólica Junguiana: uma trilha interdisciplinar transformadora na educação (realizada na PUC-SP, defendida em 15/09/2010)

⁷ O conceito de individuação foi criado pelo psicólogo Carl Gustav Jung e é um dos conceitos centrais da sua psicologia analítica. A individuação, conforme descrita por Jung, é um processo através do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência. Através desse processo, o indivíduo identifica-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do Si-mesmo, a totalidade (entenda-se totalidade como o conjunto das instâncias psíquicas sugeridas por Carl Jung, tais como *persona*, *sombra*, *self*, por exemplo) de sua personalidade individual.

⁸Segundo Dr. Byington “todas as coisas e vivências são símbolos. A percepção da parte como símbolo a remete ao Todo. Assim conceituado o símbolo é a célula da Psique (Saiz laureiro, 1989). Ensinar por intermédio do símbolo, por conseguinte, é situar a parte inseparavelmente do Todo” (2003, p. 34-35)

1 INTRODUÇÃO

A partir deste artigo desejo ao compartilhar minha prática, mobilizar e conscientizar educadores para que possam refletir sobre a possibilidade de estimularem jovens a se autoconhecerem por meio da vivência simbólica⁹ e construir caminhos que possam direcionar a escolha para sua verdadeira vocação. A etimologia da palavra vocação do latim provem do verbo em latim *vocare*¹⁰ que significa o ato ou efeito de chamar, escolha ou predestinação. A palavra “profissão” vem do latino *profissione*, que significa perito, ofício, declaração pública. Que relação existe entre vocação e profissão? As pessoas articulam estas duas realidades em suas opções de vida? Esta temática tem significado atual?

Creio que é de grande atualidade refletir sobre esta questão, principalmente numa época em que, paradoxalmente, ampliam-se as perspectivas de escolhas profissionais, enquanto aumenta o desemprego. Cresce o número de escolas, cursinhos e de candidatos e as vagas nas universidades, principalmente as públicas, se mantém inalteradas. E mais: parece que existir atualmente um grande quadro de fragmentação entre o ser e o fazer, refletidas em ações violentas que tem ocorrido inclusive em escolas, alto consumo de álcool, drogas, nesta população e o educador representa uma figura importante na busca de sentido com o jovem neste momento decisivo em sua vida.

Proponho neste artigo um projeto realizado com jovens em fase de escolha profissional que tem como um dos objetivos principais estimulá-los a entrar em contato com este “chamado” e assim possa direcioná-los para um “fazer” com maior sentido existencial. E como poderia ser realizado este caminho?

Como pesquisadora, psicóloga e educadora, ao seguir o meu mito pessoal ou metáfora: “Transformar-se para poder transformar”, o que denominei de “trilha transformadora” acredito na importância da vivência da consciência humanizadora propiciado pelo caminho vivencial da elaboração simbólica, que envolve a Totalidade do Ser e, por conseguinte, engloba as funções sentimento, intuição, pensamento e a sensação.

Assim, considero este projeto uma direção na “trilha transformadora” e a vocação pode ser um “chamado” ou um sinal para este caminho de transformação. Vivenciar simbolicamente uma metáfora poderia ser vivenciar a vocação, pois a metáfora segundo Rojas (2002) pode ser: “um convite à descoberta a um processo que auxiliado pela imaginação e sentimento, leva ao *insight*, conduzindo-nos à realização.”

⁹Segundo Dr. Byington “todas as coisas e vivências são símbolos. A percepção da parte como símbolo a remete ao Todo. Assim conceituado o símbolo é a célula da Psique (Saiz laureiro, 1989). Ensinar por intermédio do símbolo, por conseguinte, é situar a parte inseparavelmente do Todo.” (2003, p.34/35)

¹⁰Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Hollanda (1976) – deriva do verbo em latim *vocare*.

2 PROJETO TERAPÊUTICO VOCACIONAL

2.1 O DESPERTAR

O projeto nasceu com o convite de uma parceira de trabalho, terapeuta transpessoal¹¹ e astróloga. Ela já vinha realizando alguns atendimentos que tinham o foco de escolha profissional e este relato me trouxeram de volta as minhas memórias e práticas, pois durante a minha formação na psicologia havia realizado e me preparado para este trabalho.

No entanto, não havia mais trabalhado com este foco e fiquei mobilizada para voltar a estudar e pesquisar sobre este tema. Resolvemos então nos preparar durante um ano para realizar este projeto. Revisitei bibliografia e realizei um curso de atualização na área.

Ouvi também o meu chamado, utilizei a “escuta sensível”. Segundo Barbier (2007): “escuta sensível apóia-se na empatia. O pesquisador deve sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro *para compreender do interior* as atitudes e os comportamentos, os sistemas de idéias, de valores, de símbolos e de mitos”. Este foi um “sinal” na minha trilha que “ouvi” e me identifiquei assim como, realizamos na primeira fase (reconhecimento e identificação) do projeto vocacional, descrito a seguir.

2.2 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto nasceu há um ano, com base teórica junguiana e transpessoal, tem como objetivo principal auxiliar o jovem a entrar em contato com os aspectos relacionados à sua vocação, o que implica em um processo de autoconhecimento e de escolha profissional. Realizamos grupos e atendimentos individuais com jovens no próprio consultório e escolas. Os temas trabalhados são: Valores, ideais; Desejos, expectativas; Talentos e habilidades; Áreas e profissões. São realizados uma média de oito encontros com duração de 90 minutos, individualmente ou com grupos de 4 a 6 pessoas. Utilizamos as técnicas expressivas simbólicas de dramatização, contação de histórias ou mitos, dimensões que incluíam o corpo, o movimento, as sensações, as intuições e os sentimentos e nos baseamos nas sete etapas do processo de desenvolvimento em Psicologia Transpessoal: Reconhecimento; Identificação; Desidentificação; Transmutação; Transformação; Elaboração e Integração.

¹¹Suely Aparecida Marqueis - Graduada em Comunicação Social, cursou a Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal na Alubrat. Atua como Astróloga há mais de 15 anos e desenvolve trabalho terapêutico de aconselhamento utilizando recursos de abordagem Transpessoal.

3 CAMINHANDO NA TRILHA TRANSFORMADORA VOCACIONAL

O papel do facilitador do trabalho inicialmente deve ser o de mobilizar o jovem a ter o desejo de transformar, que nem sempre é algo fácil. Percebemos que este processo depende da maturidade emocional do jovem. Assim, começamos o projeto propiciando que o jovem reconheça e perceba com quais símbolos, imagens ou valores está identificado. Estes são os passos para sermos despertados pelo universo simbólico. Quando a mente explora um símbolo, segundo Jung, as idéias são conduzidas fora do alcance da razão. A imagem ou palavra, segundo Jung (1987), pode ser simbólica, na medida em que implica algo além do seu significado manifesto e imediato, apresenta um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou esgotado.

Simbolicamente o que o jovem traz na sua bagagem para a sua trilha? Segundo Campbell, nós somos tomados pelos mitos, somos capturados pelos mitos, ou seja, talvez deixarmos entrar em contato com algum símbolo ou vivência simbólica que pode surgir por meio de uma idéia, imagem ou sonho, inicialmente pode causar estranhamento ou curiosidade. Perceber que abrir “mão” do controle racional e da função pensamento e se direcionar a um importante ponto de partida para a trilha: “A entrega”, pode ser fundamental para este processo.

Posicionando o jovem no ponto de partida, pronto para o desconhecido e levando na bagagem a “escuta sensível”¹², iniciará o percurso rumo ao processo de individuação - trilha transformadora vocacional. Entrar em contato com símbolos inconscientes existentes na “sombra”, aspectos obscuros na minha psique, propicia examinar e reavaliar trilhas anteriores para poder preparar a bagagem para esta trilha.

Byington (1996) entende que pode evitar a neurose, quando as defesas não se cronificam e o acesso aos símbolos inconscientes existentes na Sombra é mais livre, o que denominou de Sombra Circunstancial. E assim quando existe um bloqueio dos símbolos inconscientes existentes na Sombra pelas defesas do Ego consciente por um longo período geralmente existe uma fixação e uma resistência maior das defesas e esse acesso aos símbolos inconscientes fica mais difícil. Essa sombra é denominada pelo autor de Sombra Cronificada. Como reconhecemos e agirmos com esses símbolos “sombrios” no processo?

As funções estruturantes de defesas surgem sempre que a elaboração simbólica for dificultada e forma uma fixação. Por exemplo, o jovem pode estar identificado com algum aspecto ligado ao poder, o que psiquicamente poderia gerar um processo que o distancie da sua essência ou self¹³. Pode estar fixado neste aspecto e se achar onipotente o que impediria um desenvolvimento no seu processo de individuação. Por isso chamamos o projeto de terapêutico e se isto ocorrer, o jovem precisa

¹² Segundo Barbier (2007, p. 94): “escuta sensível apóia-se na empatia. O pesquisador deve sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro *para compreender do interior* as atitudes e os comportamentos, os sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos” (grifo meu), ou a existencialidade interna.

¹³ Self ou si mesmo, Jung considera como principal dos arquétipos ou arquétipo central e a soma dos processos inconscientes e conscientes.

reconhecer este aspecto para poder se desidentificar e elaborar e continuar a sua trilha transformadora. A empatia, a compreensão, ou seja, a afetividade na relação do processo podem ajudar a trabalhar com estes aspectos da Sombra Cronificada e em alguns casos, podem ajudar a transformá-la.

Como podemos ajudar o jovem a identificar o “chamado” em relação a sua vocação e não ficar no distanciamento do self, talvez este seja o nosso maior desafio. Assim, buscamos com o jovem depois da fase de reconhecimento, identificação, desidentificação, quais são os seus talentos, quais são suas memórias, habilidades que conectem com o seu ser integrado, com o seu self e não só com o ego. Nesta fase estamos na fase da transmutação, elaboração e estamos caminhando na busca da integração do ser – fazer.

Desta forma, estaremos no caminho do fazer profissional ao ser profissional se contemplarmos a diferença entre vocação e profissão, uma vez que, conforme, já foi colocado, a origem de vocação significa o “chamado que poderia provir do self” e a origem de profissão provém de ofício, de fazer, que pode ser função atribuída ao ego. Nesta trilha transformadora o que almejamos é possibilitar o jovem a construir um caminho de auto conhecimento com conexão do ego/ self, com o ser/ fazer e que acaba se revelando como uma trilha transformadora.

4 CONCLUSÃO

Existe um elemento da “bagagem” para vivenciar esta trilha no processo que é o desejo de transformar, de descoberta de si mesmo e para isto é necessário que mergulhe para dentro de si. Talvez esta seja a condição de voltar ao mundo vivido e recuperar a unidade pessoal, pois, o grande desafio é a tomada de consciência sobre o sentido da presença do Ser humano no mundo. Segundo Jung, o inconsciente coletivo é organizado em símbolos e modelos chamados arquétipos. Os mitos representam um tipo de arquétipo. A formação de cristais foi uma analogia que Jung usou para ajudar a explicar a diferença entre os padrões arquetípicos e os ativados em nós: um arquétipo é como um padrão invisível que determina qual a forma e a estrutura que um cristal tomará enquanto se molda.

Estas formas simbolicamente é que vão sendo construídas e moldadas durante o projeto. Algumas vão sendo reveladas e o jovem ao entrar em contato com estes “cristais” poderá lapidar a sua forma em relação sua escolha profissional. Por meio de vivências simbólicas e da integração das funções psíquicas estruturantes o jovem pode se sentir em um processo de construção de sua totalidade para definir o ser profissional e conectar com o seu sentido de vida.

Todas as funções psíquicas, segundo Byington (2003), são estruturantes. Medo, ansiedade, orgulho, coragem, tristeza, alegria e todas mais, contêm as polaridades e interagem criativa e defensivamente em nosso processo de individuação. Cabe ao facilitador o que ocorre na interação no projeto e utilizar a sua escuta sensível para poder ajudá-lo neste processo de “lapidação”.

Durante o processo é aberto um espaço de confiança, acolhimento para que mitos, sonhos, imagens seja trabalhados e indiquem este caminho para a vivência da trilha

transformadora vocacional. Assim, ao seguir o caminho simbólico não é possível se definir o percurso, a trilha vai sendo construída. O padrão de totalidade afeta nossas vidas pelas necessidades de integridade, de completude de autenticidade e coerência e são fundamentos também presentes no projeto, pois reúne tudo o que diz respeito ao processo de Ser. Quando o educador/ facilitador se abre para este arquétipo, pode ajudar p jovem na busca de sentido de sua vida e profissão.

É o arquétipo que pode mobilizar o educador para o ensino da Totalidade e não somente para a habilidade cognitiva e, por englobar o caminho das polaridades, aproxima as funções psíquicas opostas: sentimento e intuição e pensamento e sensação.

Assim o método utilizado para o projeto engloba a pedagogia simbólica e a psicologia transpessoal, segundo Byington (2003, p. 15): “centrado na vivência e não na abstração, e que evoca diariamente a imaginação de alunos e educadores para reunir o objetivo e o subjetivo dentro da dimensão simbólica ativada pelas mais variadas técnicas expressivas para vivenciar o aprendizado”.

Dessa forma, concluo que o projeto terapêutico vocacional contempla o autoconhecimento que se inicia pelo chamado vocacional e pode contribuir para que a escolha profissional seja realizada de uma maneira mais totalizadora, onde não só sobressairia o pensamento ou os conteúdos a serem assimilados de forma mental, como também englobaria, por meio de um trabalho de dramatização, contação de histórias ou mitos, dimensões que incluiriam o corpo, o movimento, as sensações, as intuições e os sentimentos no processo e possibilita escolhas mais saudáveis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Simone M. A. de C. A construção da dimensão espiritual em Currículo a partir de um projeto interdisciplinar apresentado no In: FÓRUM UNIVERSIDADE E ESPIRITUALIDADE, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ARANTES, Valéria. **Afetividade e cognição**: rompendo a dicotomia na educação videtur –23.

BYINGTON, C. **Pedagogia Simbólica**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **A construção amorosa do saber**: o fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana. São Paulo: Religare, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Ed. Petrópolis, 2000.

ESPÍRITO SANTO, R.C. **Pedagogia da transgressão**. Campinas: Papirus, 1996.

ESPÍRITO SANTO, R.C. **O renascimento do sagrado na educação**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **O autoconhecimento na formação do educador**. São Paulo: Agora, 2007.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

_____. (Org). **A pesquisa em educação e as transformações e conhecimento**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

_____. (Org.). **Dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2006.

GODOY, Herminia Prado (Org). **Terapia da Consciência multidimensional: teoria e técnicas**. Registrado Biblioteca Nacional sob o número 359.548, livro: 664, Folha: 208 em 10/11/2005.

FREGTMAN, Carlos. **Música transpessoal**. São Paulo: Cultrix, 1991.

FRIEDMAN, A.; CRAEMER, U. et al. **Caminhos para uma aliança pela infância**. São Paulo: Editora e Gráfica Vida e Consciência, 2003.

FURLANETTO, C. Ecleide. **Como nasce um professor?** São Paulo: Paulus, 2003.

GALVÃO, Izabel. Revista Paulista, Educação Física. São Paulo, sup. 4, p 7-130, 2001.

GUILLARME, J. J. **Educação e reeducação psicomotora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C.G Jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. **The Collected Works**. Princeton University Press, 1973. v. 18, p. 5-182.

LÓPEZ, R.E. **Introdução à Psicologia Evolutiva de Jean Piaget**. São Paulo: Cultrix, 1982.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.

SANTOS NETO, Elydio dos. **Por uma educação transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof**. São Bernardo do Campo: Lucerna, 2006.

SCHILDER, P. **Revista digita**. Buenos Aires, v. 0, n. 68, 2004. Disponível em: <www.psicossomatica.com.br>.

TRINDADE, A. A criança e seu corpo: gesto e identidade. In: FRIEDMAN, A.; CRAEMER, U. et al. *Caminhos para uma aliança pela infância*. São Paulo: Editora e Gráfica Vida e Consciência, 2003.

